

**Miranilde Oliveira Neves
(Organizadora)**

**Currículo: Distintas
Abordagens Epistemológicas**

**Atena**
Editora
Ano 2019

Miranilde Oliveira Neves
(Organizadora)

**Currículo: Distintas Abordagens
Epistemológicas**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C976	<p>Currículo [recurso eletrônico] : distintas abordagens epistemológicas / Organizadora Miranilde Oliveira Neves. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-660-7 DOI 10.22533/at.ed.607193009</p> <p>1. Currículos. 2. Educação. 3. Escolas – Aspectos sociais. I.Neves, Miranilde Oliveira.</p> <p style="text-align: right;">CDD 375</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A questão curricular envolve vários processos que demandam atenção e disponibilidade por parte do professor para aderir a mudanças que ocorrem constantemente no âmbito escolar. Currículo e prática docente caminham lado a lado, afinal, é na prática que se descobrem as reais certezas ou incertezas, que posteriormente moldarão o perfil do professor. São, portanto, as metamorfoses que ocorrem a partir da escolha das propostas curriculares e as diversificadas abordagens epistemológicas que esta obra apresentará.

É inegável a impossibilidade de abarcar todas as questões existentes nos sistemas educacionais dentro das propostas curriculares, mas precisamos estar atentos para o fato de que, nos mais diferentes contextos, em especial, cultural e social, há, claramente, o interesse do currículo em compreender, a partir desses aspectos, o que realmente, nossos estudantes precisam nas escolas. O currículo não deve ser pensado apenas como uma proposta do presente. Ele marca as ações futuras e essa reflexão deve fazer parte da visão do professor formado ou em formação.

A obra apresenta vinte capítulos – cada um com aspectos que, somados, formam um som uníssono de luta por uma proposta curricular mais eficaz nas escolas, é o caso do capítulo **Currículo na Escola em uma Comunidade Tradicional Quilombola** – texto fundamental para quem deseja compreender os aspectos, diversas vezes, esquecidos nos currículos, que envolvem os fatores que constroem a formação das comunidades quilombolas. Neste capítulo, uma viagem especial a escolas de ensino fundamental de Garanhuns-PE, Nordeste do Brasil – o currículo é apresentado como vetor importante na marca do território de matriz africana, valorização das identidades que se constroem ao longo das relações e que, indubitavelmente, são responsáveis por um currículo que valoriza as diversidades.

O segundo capítulo discutirá a **Integração no Ensino Médio: Articulações Discursivas na Produção da Hegemonia** – a autora faz uma análise a partir dos discursos de integração na política curricular brasileira para o Ensino Médio, no período de 1998 a 2012, a fim de entender a produção dos discursos de integração como luta hegemônica pela significação do currículo.

Intitulado **Corpolítica: diálogos sobre Gênero, Sexualidade, Raça e Direitos com Jovens em Espaços Urbanos Periféricos no Distrito Federal**, o terceiro capítulo discute e valoriza a extensão universitária como fator preponderante na formação acadêmica, em especial, na Universidade de Brasília - UNB. O texto apresenta os resultados favoráveis à união universidade e academia, a partir da implantação de um projeto de extensão que já alcançou seu espaço na instituição desde o ano de 2016 e dele participam diferentes atores pertencentes ou não à UNB.

Com o tema **Dez Anos de Políticas Educacionais: a Escola e a Democracia no Mercosul (2005-2015)** o quarto capítulo revela o que dizem os planos de Ação do Setor Educacional do Mercosul no período estudado (2005-2015). Cidadania, democracia,

desenvolvimento social, cultura e integração foram as áreas de comparação analisadas para se chegar à compreensão das condições educacionais dos países que formam este Bloco e de como está sendo construído o processo de democratização entre eles. É, sem dúvida, um texto que permite uma reflexão mais apurada sobre o que já foi e o que ainda pode ser feito no âmbito das políticas educacionais.

Os leitores podem usufruir de um bom texto ao lerem o quinto capítulo, o qual se intitula **As Tecnologias Digitais e suas Intervenções na Conformação do Currículo Brasileiro**, os autores explicam com clareza e precisão como as tecnologias digitais influenciam na construção do currículo e para entender **As Mudanças Curriculares na Educação Física no Ensino Médio e a Preocupação com a Formação Humana**, Aline de Carvalho traz no sexto capítulo um alerta dirigido a qualquer professor da Educação Básica – Nível Médio: a necessidade de refletir sobre a formação humana integral. A autora, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais faz uma análise sobre a importância de unir formação acadêmica e formação integral e apresenta a experiência que vivenciou, dentro desse contexto no Colégio dos Santos Anjos - Rio de Janeiro.

Ao se preocupar com a inclusão, o sétimo capítulo apresenta as **Narrativas de Inclusão no Curso de Especialização em Educação Inclusiva: Diálogos com Ivor Goodson**, o qual valoriza os percursos curriculares individuais com base em aprendizagens narrativas e não privilegia o estudo prescritivo dos conteúdos curriculares que consideram as diferenças e façam com que o professor perceba que compreender esse contexto, significa incluir no melhor sentido da palavra.

Explicitar os Aspectos da Creditação da Extensão nos Cursos de Formação de Professores, foi o foco da pesquisa de Ana Claudia Ferreira Rosa e Arlete Maria Monte de Camargo, as quais deixam explícita a necessidade de modificações nos currículos, que devem vir acompanhadas dos desafios da formação de professores – tudo isso partindo de uma reflexão sobre a creditação de extensão, assegurada no Plano Nacional de Educação e já citada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aos cursos de nível superior.

El Currículum Oculto en la Investigación Educativa – Pesquisa de Martha Marques San Martín, Revela um olhar a partir da experiência no ensino de Pesquisa Educacional em dois centros de formação de professores na cidade da Flórida, Uruguai, a fim de contribuir para a discussão sobre o currículo oculto. O estudo busca refletir o espaço de ensino de pesquisa educacional como um espaço, que desempenha diferentes posições, as quais buscam legitimar o lugar de suas concepções e a hegemonia de suas propostas.

Práticas Curriculares na Educação Rural e a Importância de uma Educação Contextualizada – este capítulo revela preocupação com a contextualização do currículo e não apenas uma obediência a conteúdos que desvalorizam, em alguns momentos, o cotidiano do estudante. O foco da pesquisa ocorreu na zona rural e as singularidades que estes precisam manter e preservar a outras gerações, por isso

a preocupação em analisar e levar respostas à sociedade sobre a importância de o professor desenvolver uma prática pedagógica que contemple os saberes necessários à educação do campo.

Analisar a **Percepção Discente sobre Estratégias de Ensino Ativo, Combinadas com Aulas Teóricas, no Ensino de Fisiologia em Curso de Odontologia** foi com este objetivo que nasceu o capítulo que valoriza estratégias de ensino possíveis de serem aplicadas em cursos de graduação e que mostram uma afinidade maior dos estudantes com a aprendizagem dos conteúdos nas aulas de Fisiologia em um curso de Odontologia.

A Construção da Identidade Étnico-Racial nas Orientações Curriculares do Estado da Bahia de Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito tenta entender como as relações étnico-raciais são trabalhadas pelas orientações curriculares para o Ensino Médio do Estado da Bahia – BA.

A Internacionalização no Campo do Currículo: Pesquisando os Colóquios Luso-Brasileiros – este capítulo apresenta a importância das práticas cotidianas para o desenvolvimento do currículo em sala de aula. Em sequência, o leitor disporá de um texto singular: **A Relação entre o Currículo da Eja no Contexto Prisional e os Processos de Ressocialização de Jovens e Adultos que estão em Conflito com a Lei** – capítulo importante para a compreensão dos fatores que podem vir a melhorar a qualidade de ensino nas turmas Eja que se encontram no âmbito prisional. Explicar as relações entre o currículo, a reprodução das desigualdades e as propostas de inclusão são o foco deste texto.

Alfabetização Dialógica: Concepções e Práticas – Este artigo tem como objetivo geral explicar maneiras que possibilitem a alfabetização, na perspectiva dialógica. A questão central é compreender quais devem ser as atitudes do professor em relação às práticas em sala, no processo de alfabetização dialógica.

Outro capítulo que continua o discurso e análise da questão curricular é **As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana e a Formação de Profissionais da Educação Básica** - O texto centra-se na formação de profissionais da educação básica a partir das Diretrizes curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) tendo como referência o currículo do curso de Pedagogia, a partir do qual foi analisada a formação de profissionais da educação básica em relação aos preceitos da Lei Nº. 11.645/2008 que alterou a LDB Nº. 9.394/1996.

O Ensino de Arte no Brasil e o Multiculturalismo e o texto **Desafios Enfrentados para Construção de um Currículo Escolar Multicultural** são dois capítulos que discutem simultaneamente a concepção do ensino de Arte nas escolas públicas no Brasil, com ênfase no multiculturalismo e sua potencialidade provocativa ao diálogo, à compreensão cultural das diferenças e à alteridade e identificar os desafios enfrentados para construção de um currículo escolar multicultural, a partir de relato de experiência, o que permite refletir sobre a realidade profissional de professores e

pedagogos e identificar desafios em dinamizar o currículo e o planejamento.

Introdução aos Estudos Culturais Africanos e Indígenas na Educação Básica do Brasil: Descolonização Curricular e Formação Docente – nosso penúltimo capítulo versa sobre a formação de professores diante das questões que envolvem as relações étnico-raciais na escola e apresenta a descolonização de ideologias presentes nos materiais didáticos, para as quais é preciso atenção, já que promovem alterações curriculares significativas na educação brasileira.

Para encerrar nosso diálogo, momentaneamente, pois as discussões sobre o currículo permanecem no cotidiano da escola, apresentamos o último capítulo intitulado **Percurso Formativo na Educação Integral: Currículo, Tempos e Espaços em Transformação**, o qual avalia as variáveis teóricas e metodológicas justapostas na construção de um percurso formativo que valoriza a Educação Integral. O texto mostra, claramente, a necessidade de implementar novas propostas formativas capazes de romper com a linearidade e com a reprodução trivial de oficinas propostas nas políticas públicas para um currículo de Educação Integral.

Espera-se que todos façam uma boa leitura.

Miranilde Oliveira Neves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CURRÍCULO NA ESCOLA EM UMA COMUNIDADE TRADICIONAL QUILOMBOLA	
Denize Tomaz de Aquino	
DOI 10.22533/at.ed.6071930091	
CAPÍTULO 2	13
INTEGRAÇÃO NO ENSINO MÉDIO: ARTICULAÇÕES DISCURSIVAS NA PRODUÇÃO DA HEGEMONIA	
Maria Gorete Rodrigues Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.6071930092	
CAPÍTULO 3	26
CORPOLÍTICA: DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADE, RAÇA E DIREITOS COM JOVENS EM ESPAÇOS URBANOS PERIFÉRICOS NO DISTRITO FEDERAL	
Gabriel Santos Pereira	
Jeferson Cardoso Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.6071930093	
CAPÍTULO 4	37
DEZ ANOS DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS: A ESCOLA E A DEMOCRACIA NO MERCOSUL(2005-2015)	
Maurinice Evaristo Wenceslau	
Débora de Oliveira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6071930094	
CAPÍTULO 5	49
AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUAS INTERVENÇÕES NA CONFORMAÇÃO DO CURRÍCULO BRASILEIRO	
Rosa Maria Rodrigues Barros	
Thiago César Frediani Sant'Ana	
Marta Maria Gonçalves Balbé Pires	
DOI 10.22533/at.ed.6071930095	
CAPÍTULO 6	63
AS MUDANÇAS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E A PREOCUPAÇÃO COM A FORMAÇÃO HUMANA	
Aline de Carvalho Moura	
DOI 10.22533/at.ed.6071930096	
CAPÍTULO 7	73
NARRATIVAS DE INCLUSÃO NO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIÁLOGOS COM IVOR GOODSON	
Lidnei Ventura	
Roselaine Ripa	
Rose Clér Estivaleta Beche	
DOI 10.22533/at.ed.6071930097	

CAPÍTULO 8	84
ASPECTOS DA CREDITAÇÃO DA EXTENSÃO NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Ana Claudia Ferreira Rosa	
Arlete Maria Monte de Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.6071930098	
CAPÍTULO 9	97
EL CURRÍCULUM OCULTO EN LA INVESTIGACIÓN EDUCATIVA	
Martha Marques San Martín	
DOI 10.22533/at.ed.6071930099	
CAPÍTULO 10	106
PRÁTICAS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO RURAL E A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA	
Rafaela Santos Araújo	
Jerônimo Jorge Cavalcante Silva	
DOI 10.22533/at.ed.60719300910	
CAPÍTULO 11	118
PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE ESTRATÉGIAS DE ENSINO ATIVO, COMBINADAS COM AULAS TEÓRICAS, NO ENSINO DE FISIOLOGIA EM CURSO DE ODONTOLOGIA	
Fernanda Klein Marcondes	
Lais Tono Cardozo	
Maeline Santos Morais Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.60719300911	
CAPÍTULO 12	130
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ESTADO DA BAHIA	
Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito	
DOI 10.22533/at.ed.60719300912	
CAPÍTULO 13	141
A INTERNACIONALIZAÇÃO NO CAMPO DO CURRÍCULO: PESQUISANDO OS COLÓQUIOS LUSO-BRASILEIROS	
Jussara Cassiano Nascimento	
Ana Lisa Nishio	
DOI 10.22533/at.ed.60719300913	
CAPÍTULO 14	151
A RELAÇÃO ENTRE O CURRÍCULO DA EJA NO CONTEXTO PRISIONAL E OS PROCESSOS DE RESSOCIALIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS QUE ESTÃO EM CONFLITO COM A LEI	
Rarissa Maiara Fernandes de Lira	
Joel Severino da Silva	
Márcia Regina Barbosa	
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	
DOI 10.22533/at.ed.60719300914	
CAPÍTULO 15	165
ALFABETIZAÇÃO DIALÓGICA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS	
Raíssa Oliveira Everton	
Maria José Albuquerque Santos	

CAPÍTULO 16	175
AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA E A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Ana Beatriz Sousa Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.60719300916	
CAPÍTULO 17	187
O ENSINO DE ARTE NO BRASIL E O MULTICULTURALISMO	
Tauã Carvalho de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.60719300917	
CAPÍTULO 18	197
DESAFIOS ENFRENTADOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO ESCOLAR MULTICULTURAL	
Mayara Macedo Melo	
Francisco Lucas de Lima Fontes	
Franciane Santos do Nascimento	
Fernanda Gomes do Nascimento Silva	
Geane Blenda Mendes de Andrade	
João da Conceição da Costa	
Maria das Graças Sampaio	
Suzana Lima de Sousa	
Germano Soares Martins	
Ariane Freire Oliveira	
Ilana Maria do Espírito Santo	
Mércia Cycília de França Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.60719300918	
CAPÍTULO 19	207
INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS CULTURAIS AFRICANOS E INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO BRASIL: DESCOLONIZAÇÃO CURRICULAR E FORMAÇÃO DOCENTE	
Maria Lucia Morrone	
DOI 10.22533/at.ed.60719300919	
CAPÍTULO 20	217
PERCURSO FORMATIVO NA EDUCAÇÃO INTEGRAL: CURRÍCULO, TEMPOS E ESPAÇOS EM TRANSFORMAÇÃO	
Andréia Morés	
Cineri Fachin Moraes	
Cristiane Backes Welter	
Delcio Antônio Agliardi	
DOI 10.22533/at.ed.60719300920	
SOBRE A ORGANIZADORA	229
ÍNDICE REMISSIVO	230

DESAFIOS ENFRENTADOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO ESCOLAR MULTICULTURAL

Mayara Macedo Melo

Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

Francisco Lucas de Lima Fontes

Faculdade UNINASSAU – Campus Redenção. Teresina, Piauí, Brasil.

Franciane Santos do Nascimento

Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

Fernanda Gomes do Nascimento Silva

Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

Geane Blenda Mendes de Andrade

Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

João da Conceição da Costa

Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

Maria das Graças Sampaio

Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

Suzana Lima de Sousa

Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil.

Germano Soares Martins

Faculdade UNINASSAU - Campus Redenção. Teresina, Piauí, Brasil.

Ariane Freire Oliveira

Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina, Piauí, Brasil.

Ilana Maria do Espírito Santo

Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina, Piauí, Brasil.

Mércia Cycilia de França Lopes

Faculdade UNINASSAU - Campus Redenção. Teresina, Piauí, Brasil.

RESUMO: Posicionar o currículo sob a perspectiva cultural, torna-se um desafio, em razão do enrijecimento dos conteúdos e da valorização do conhecimento científico, sobretudo, esta aproximação, atualmente, faz-se necessária mediante a relevância do multiculturalismo para a educação bem como para o processo formativo. Este estudo surgiu por meio das ações de ensino e pesquisa vivenciadas no componente curricular do curso de licenciatura em Pedagogia de uma instituição de ensino superior pública de Teresina, capital do Piauí. Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa do tipo relato de experiência, desenvolvida por meio da vivência com duas profissionais, uma pedagoga e uma professora. Objetivou-se identificar os desafios enfrentados para construção de um currículo escolar multicultural. Por meio deste relato de experiência foi possível refletir sobre a realidade profissional de professores e pedagogos, identificar desafios em dinamizar o currículo e o planejamento. Tais dificuldades associam-

se, em parte, às diretrizes estabelecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Teresina, que reduz a autonomia profissional delimita a expansão dos conteúdos. Portanto, a mudança curricular torna-se mais viável quando há uma mudança de postura por parte não só de professores e pedagogos, mas também dos gestores e técnicos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação e Cultura, Currículo, Multiculturalismo.

CHALLENGES FACED FOR CONSTRUCTION OF A MULTICULTURAL SCHOLAR CURRICULUM

ABSTRACT: Placing the curriculum under the cultural perspective becomes a challenge, due to the stiffening of contents and the valorization of scientific knowledge, above all, this approach is now necessary through the relevance of multiculturalism for education as well as for the process. This study arose through the teaching and research activities experienced in the curricular component of the licentiate course in Pedagogy of a public higher education institution in Teresina, capital of Piauí. It is a descriptive research with a qualitative approach of the type of experience report, developed through the experience with two professionals, a pedagogue and a teacher. The objective was to identify the challenges faced in the construction of a multicultural school curriculum. Through this experience report it was possible to reflect on the professional reality of teachers and pedagogues, identify challenges in dynamizing the curriculum and planning. These difficulties are in part associated with the guidelines established by the Municipal Department of Education of Teresina, which reduces the professional autonomy delimited content expansion. Therefore, curricular change becomes more feasible when there is a change of attitude on the part not only of teachers and pedagogues, but also of managers and technicians.

KEYWORDS: Education and Culture, Curriculum, Cultural Diversity.

1 | INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivos identificar os desafios enfrentados para construção de um currículo escolar multicultural; problematizar a compreensão de como ocorre o processo de construção dos currículos escolares no município de Teresina e refletir sobre as concepções teóricas que fundamentam os padrões curriculares desenvolvidos na escola pesquisada.

O estudo surgiu por meio das ações de ensino e pesquisa vivenciadas no componente curricular do curso de licenciatura em Pedagogia de uma instituição de ensino superior pública de Teresina, capital do Piauí. A coleta de dados ocorreu no mês de outubro de 2018 em uma escola municipal, instalada na Zona Leste da capital. Até o período de coleta, a instituição possuía 164 alunos matriculados, com turmas de ensino infantil (1º e 2º período) e ensino fundamental (1º ao 5º ano), funcionando no período diurno.

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa do tipo relato de experiência. Participaram da pesquisa uma pedagoga especializada em Processo na Educação Infantil, com tempo de atuação superior a seis anos escola e uma professora formada em Letras Português e Pedagogia, com apenas dois meses na escola pesquisada e há sete anos exercendo a profissão. Ambas profissionais pertenciam ao quadro efetivo de servidores do município e possuíam carga horária de trabalho de 40 horas semanais.

Utilizou-se de um roteiro de entrevista semiestruturado composto por duas etapas: a primeira, com dados pessoais e profissionais para caracterizar o perfil das entrevistadas; e a segunda, composta por questões abertas que versavam objetivos do estudo. A representação do nome das participantes foi expressa pelas siglas PD para pedagoga e PF para professora, garantindo o sigilo e anonimato das entrevistadas durante todo o processo de pesquisa.

Para que nenhuma informação relevante fosse perdida ou esquecida, foi utilizado como recurso de apoio um aparelho gravador de voz para garantir a autenticidade dos depoimentos representados pelas falas das entrevistadas. Os relatos obtidos foram transcritos na íntegra, e empregou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo, que compreende um conjunto de falas individuais, de onde são retiradas as ideias centrais para a construção de um discurso comum que representa o pensamento coletivo (BARDIN, 2016).

Em relação aos pontos éticos, por se tratar de uma ação que envolveu aspectos ligados à experiência de ensino-aprendizagem, não foi necessária realizar a formalização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Posteriormente as informações foram organizadas em três categorias analíticas: “Processo de construção do currículo”, “Currículo na perspectiva multicultural”, e “Escola, currículo e diretrizes étnico-raciais”.

2 | ANÁLISE E DISCUSSÃO

2.1 Processo de construção do currículo

A origem da palavra currículo é recente e tem seu significado estruturado na área do ensino, sendo o sinônimo de disciplina. É um termo que vem sofrendo transformações ao longo dos anos, migrando de uma perspectiva micro para uma macro (PACHECO, 2005).

Existem diversas discussões acerca da complexidade do currículo, desta forma compreendendo que

O campo do currículo é complexo, constituído de intensas disputas políticas e ideológicas com relação às concepções de educação e sua finalidade, bem como quanto ao tipo de sujeito e sociedade que se deseja construir. Desse modo, apesar do esforço empreendido pelos teóricos vinculados ao pensamento positivista em

associar a construção do currículo à produção neutra dos projetos curriculares, prevalece nas últimas décadas a compreensão do currículo como um campo eminentemente político, permeado por intensas relações de poder (LIMA, 2015, p. 115)

Como afirma Malta (2013), as teorias do currículo, a priori, tinham como intuito desvelar questões inerentes ao que deveria ser ensinado e como se daria sua composição, o que os alunos deveriam saber e quais conteúdos seriam valorizados e/ou ignorados. Dessa forma, teorias sobre currículo apresentam-se como tradicionais, críticas e pós-críticas diferenciando-se pelo destaque que dão à aprendizagem.

A teoria tradicional busca ser apartidária, possuindo como propósito a educação escolarizada, na construção de um trabalhador especialista ou apenas na garantia de uma educação para a população em geral. A teoria crítica concerne no desenvolvimento de conceitos que possibilitem a compreensão, ancorada na teoria de Karl Marx, ao exercício do currículo, conectando educação e ideologia. Quanto a pós crítica, emerge uma relação entre currículo e multiculturalismo que destaca-se por fazer um movimento contrário à teoria tradicional, de modo a incluir os marginalizados por esta (MALTA, 2013).

Após a caracterização e identificação do cenário, o currículo se constrói mediante embasamentos epistemológicos apresentados, e como os gestores e a escola se identificam perante a eles. Na escola deste relato de experiência a construção curricular acontece por meio da própria Secretaria Municipal de Educação, limitando a autonomia do professor e do pedagogo.

“Praticamente não temos autonomia, porque a prefeitura é cheia de programas e projetos e tem a formação dos professores, onde eles recebem as orientações didáticas, as sequências didáticas, e a gente trabalha com as diretrizes curriculares do município, que já estão defasadas, e estamos construindo outras agora depois da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), e a gente trabalha com os livros didáticos que é seguindo as orientações das diretrizes. Tem o programa IAP, tem o programa Alfa e Beto, tem o programa Instituto Ayrton Senna, que tem parceria com a prefeitura também. Tem os projetos daqui mesmo, que é o Alfabetiza Teresina, que o nosso vai ser Alfabetiza (Nome da escola suprimido). É tanto projeto e tanta coisa, que a gente nem lembra de tudo. Os professores vão para as formações lá na Secretaria Municipal de Educação, aí eles trazem as orientações didáticas, aqui a gente senta e eles fazem os planos de aula baseados nas orientações que eles recebem lá e a gente discute aqui também na escola. Mas o que vem é flexível, a gente pode substituir atividade, pode analisar as orientações didáticas e substituir alguma atividade que não gostou, que achou que não está de acordo com a turma, como elas falam na formação, elas preparam a orientação didática para a rede e as escolas tem sua realidade, cada escola, cada professora ver o que é melhor para turma e aqui a gente senta e discute.” (PD)

“Olha, eu cheguei agora tem 2 meses, eu não sei como foi elaborado. Posso nem dizer assim, tem participação. Se os outros tem eu não sei. Porque a formação mesmo a gente já recebe pronta, a sequência. A gente faz as alterações, cada um faz o seu plano dentro daquela sequência que eles enviam, faz as alterações que forem necessárias, o que não é a gente tira, substitui.” (PF)

Pesquisas apontam, que o fracasso escolar está intimamente relacionado com a desvalorização do magistério, pois deles são usurpados, em muitas das vezes a

autonomia e participação na construção currículo, reverberando sobre suas práticas e resultados (MONTEIRO; MONTEIRO; AZEVEDO, 2010).

Desta forma, os critérios utilizados pela escola para a elaboração de práticas e definição dos conteúdos a serem trabalhados são de suma importância para as aulas bem como nos processos de educativos realizados, porém, na escola na qual a experiência foi vivenciada, os professores já os recebem formulados, não havendo participação na sua elaboração.

“É os que a gente recebe de lá, de acordo com as orientações da secretaria.” (PD)

“Já os recebemos prontos, então não há uma intervenção nossa com relação a isso” (PF)

Freire (2016) defende que o currículo deve considerar as vivências, o meio e a realidade do educando como princípio norteador para a obtenção dos temas geradores que o sustentem.

Esse posicionamento de Freire, leva o leitor a refletir sobre questões socioculturais, e a relevância que estas possuem na construção do currículo escolar. Sobre essa perspectiva as profissionais apontaram que acreditam que a escola atende as necessidades socioculturais dos alunos, colocando em evidência questões pertinentes a vida social.

“A gente acredita que sim. Porque trata de temas que fazem parte da realidade deles, a gente trabalha geralmente aqueles conteúdos onde trata da parte social, da vida social, aquele conteúdo que desde sempre ele trabalhou, só que a gente procura, fazer a conexão com a realidade e ir adaptando.” (PD)

“Sim! Porque embora a escola esteja em uma área nobre da cidade, nossos alunos são de classe média baixa, então encontram muitas divergências sociais da sua realidade e do local onde a escola se encontra, mas mesmo assim, procuramos realizar um trabalho que minimize essa diferença e os aproximem dos conteúdos conforme suas vivências né”. (PF)

Deste modo, Lima afirma que:

No entanto, a construção de propostas curriculares contextualizadas está associada à incorporação de uma concepção política e pedagógica crítica que conceba os/as educadores/as e educandos/as enquanto sujeito que, produz através do processo de construção do conhecimento, se constitui na medida em que produz conhecimento sobre e no/com o mundo (2015, p. 136)

Assim, outros conteúdos podem ser trabalhados em sala de aula para que alarguem a compreensão social do aluno e atenda suas necessidades, preenchendo as lacunas existentes pelo distanciamento do conteúdo trabalhado e do social, e segundo as entrevistas esses conteúdos devem ser questões relacionadas a discussão sobre gênero, educação financeira e cidadania.

“Eu acho que a educação financeira é muito importante, que a gente não tem, mas eu acredito que esse ano agora vai ter, porque eu não peguei ainda pra ler tudo direitinho. Educação financeira, educação sexual porque acho que a criança a partir dela pequenininha, ela já tem que, às vezes a pessoa interpreta mal, os pais,

a professora se ela for trabalhar uma atividade dessa em sala, porque você sabe, se na sala de aula surge um assunto, você tem que aproveitar aquele gancho para trabalhar em cima daquilo [...].” (PD)

“Assim, eu acho que questões sobre gênero... escola da inteligência é muito importante porque trata de cidadania né? Valores, essas coisas assim. Acho muito importante [...]” (PF)

As dificuldades de compreensão de determinados conteúdos são fruto de um horizonte em que se quer alcançar ao ignorar o sociocultural, e legitimar o científico sem levar em consideração as circunstâncias que cercam a escola, sobretudo o meio em que o educando está inserido que carrega um sentido irreal do que processo educacional os revela (ROSA, 2011).

2.2 Currículo na perspectiva multicultural

Posicionar o currículo sob a perspectiva cultural, torna-se um desafio, em razão do enrijecimento dos conteúdos e da valorização do conhecimento científico, sobretudo, esta aproximação, atualmente, faz-se necessária mediante a relevância do multiculturalismo para a educação bem como para o processo formativo. Uma vez que

“O currículo é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto ao conteúdo dessa cultura. O currículo é um território em que se travam ferozes competições em torno dos significados.” (MOREIRA; SILVA, 1994 apud MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 28).

Para isso, a escola pode desenvolver atividades educativas paralelas para além das aulas regulares a fim de abordar outros conteúdos e outras culturas, que conforme as colaboradoras a escola as realizam quando é financeiramente viável.

“A gente faz, quando a gente pode, quando dá, a gente faz as aulas passeio, as atividades ao ar livre, a gente vai ao Parque Potycabana, a gente vai à Ponte Estaiada, ao Parque da Cidadania, porque às vezes, antes a gente tinha uns transportes, a Secretaria de Educação disponibilizava uns transportes, agora não, não tem mais esses transportes, e a gente tem que se virar como pode. [...]” (PD)

“Várias, de leitura e escrita, de artes, depende da atividade, mas são vários temas, de história, por exemplo, na época do aniversário de Teresina a gente foi pra Potycabana, aí a gente fez umas exposições lá, sobre os pontos turísticos da cidade, então são atividades variadas.” (PF)

Para vários professores, a cultura do seu aluno não condiz com a legítima qualidade da cultura disseminada em sala de aula, sendo a pluralidade cultural um obstáculo que deve ser superado por intermédio do estabelecimento de discussões sobre os diversos costumes existentes, proporcionando desta forma uma educação mais igualitária (TEIXEIRA; BEZERRA, 2007).

Em relação ao trabalho e desenvolvimento de exercícios voltados para a diversidade cultural, a escola desenvolve atividades relacionadas ao que é disposto pelos conteúdos trabalhados de forma superficial.

“A diversidade cultural que a gente trabalha na escola é só aquela que vem mesmo nos conteúdos, porque quando se tá trabalhando o conteúdo, você fala de africano,

você fala de região, região tal o quê, qual é a tradição lá naquela região. Então isso é cultura, né? Mas especificamente mesmo a gente não tem uma atividade específica disso aí não. Mas trabalha com a diversidade cultural nesse sentido. E respeitar as culturas de todos e as individualidades.” (PD)

“Eu vou ser bem sincera, a gente se prende muito aos temas que vem da formação, dos planos, a gente não vai muito além, não. A questão cultural mesmo a gente faz de acordo com os temas, das datas comemorativas. Não vai além disso, não.” (PF)

Uma das maneiras para transformar o currículo em um lugar de crítica cultural é abrir as portas da escola para as manifestações diversas de costumes populares, para além da cultura chamada erudita, levando para as salas de aula danças, músicas e festas populares, poemas, brincadeiras e jogos (MOREIRA; CANDAU, 2007).

Porém, para que isso aconteça, os professores devem estar preparados e capacitados a fim de conduzir alunos e administrar as atividades a serem realizadas, efetuando-as com responsabilidade, extraindo desses momentos materiais educativo e formativo. Os profissionais da escola pesquisada, revelaram sentirem-se preparados para trabalhar sobre essa perspectiva.

“Acredito que sim.” (PD)

“Nós temos que ser! Temos que ser, porque assim, eu encaro a realidade, eu trato todos os meus alunos por igual, não importa, não faço distinção de nada. Ensino pra eles valores, sem discriminar ninguém. Da mesma forma que eu não quero, eu mostro pra eles que não podem discriminar.” (PF)

Deste modo, Cunha declara que

Podemos afirmar que a universidade obtém a primazia na formação docente e assim se torna primordial a formação de educadores que não sejam apenas reprodutores de conhecimentos e saberes meramente científicos em detrimento dos demais saberes, mas que sejam capazes de entender a complexificação dos espaços escolares, bem como das relações e dos processos culturais que se estabelecem no cotidiano (2017, p. 11)

Contudo, inegavelmente, a escola encontra alguns obstáculos no que diz respeito a abordagem da diversidade cultural, uma vez que ainda estejam bastante vinculadas a cultura dominante que dificulta a abertura de espaço para as demais. Para as profissionais entrevistadas, as maiores dificuldades enfrentadas no seu cotidiano estão relacionadas ao preconceito e a resistência dos pais em aprofundarem a discussão sobre determinados assuntos.

“Os desafios, acho que assim, mais é a questão do, a gente trabalhar o preconceito na escola, trabalhar a questão da educação sexual que não é bem visto, isso aí faz parte da diversidade cultural. A gente tem assim, um pouco ainda de receio, por exemplo você vai trabalhar um tema cultural, relacionado ou a índio, ou a negro, aí na sala de aula você tem que ter muito cuidado como você vai abordar aquele tema. Porque hoje em dia, tudo as pessoas veem como preconceito sem ter nada, então você pode tá abordando de uma forma, que a pessoa pode enxergar de outra.” (PD)

“Às vezes, o que é difícil que aqui a gente constrói e em casa eles desconstruem [...]. A maior dificuldade é exatamente essa, que você constrói, chega em casa, a

família descontrói, criados pelos avós, pelos pais de forma permissiva.” (PF)

Mediante essa situação, cabe à escola, problematizar e refletir sobre comportamentos inflexíveis e de desrespeito às singularidades, relacionadas à raça, etnia, religiosa, orientação sexual e demais estigmas sociais, não permitindo que tais ações passem despercebidas, considerando-as no universo escolar, bem como a escola reconhecer o quão a diversidade cultural é rica, de forma que colaboram com a construção e desenvolvimento humano (CILIATO; SARTORI, 2015).

2.3 Escola, currículo e diretrizes étnico-raciais

Com a redemocratização no Brasil, na década de 1980, ampliou-se a possibilidade de interligação entre instituições da sociedade, que embora a abertura política ainda fosse pequena pela força da ditadura militar, vários governantes de oposição procuraram estimular transformações no sistema educativo, que englobava reformas curriculares e estruturais com o objetivo de ampliar e melhorar a escola pública. Isso reverberou sobre as propostas educacionais apontadas na criação da Constituição Federal de 1988 e, em seguida, na criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BONAMINO; MARTINEZ, 2002).

Neste sentido, com o passar dos anos, as políticas e diretrizes voltadas à educação foram se consolidando, e a Resolução CNE/CEB N° 2/1998, as delimita como “conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação Básica que orientarão as escolas brasileiras dos sistemas de ensino, na organização, na articulação, no desenvolvimento e na avaliação de suas propostas pedagógicas.”

Assim como a Lei n° 10.639/2003, regulamentada pelo Conselho Nacional de Educação, refere-se às Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como para o Ensino da Cultura Afro-Brasileiras e suas contribuições para a construção da sociedade brasileira nas escolas e universidades. De modo a fortalecê-la a Lei 11.645/2008, trata das Diretrizes Operacionais para estabelecer a história e a cultura dos povos indígenas na Educação Básica. Essas medidas, visam reparar a diferenciação entre as culturas e os seres, buscando atingir a equidade na inclusão bem como formar cidadãos conscientes da pluralidade social brasileira.

Mediante isto, de acordo com a pesquisa na referida instituição, constatou-se que a escola, palco do relato de experiência, busca trabalhar questões pertinentes às diretrizes étnico-raciais por meio de leitura e discussões em sala de aula, porém a executa de maneira muito tímida e pouco aprofundada.

“As atividades que a gente trabalha com eles são só leitura. De leitura e discussão na sala de aula.” (PD)

“Sempre [...] a gente trabalha todos os sistemas dentro da nossa realidade e os nossos limites.” (PF)

Políticas públicas e orientações para o estabelecimento destas, existem, porém,

a diversidade étnico-racial é ignorada, por ainda prevalecer a cultura dominante, deste modo, faz-se necessário que haja diálogo acerca das culturas com o intuito de romper a barreira do preconceito, além da necessidade de educar para superar o racismo e a tensão que existe em trabalhar o tema dentro do currículo e em sala de aula (SILVA, 2018).

Por intermédio das considerações até aqui feitas, nota-se a relevância da discussão curricular para além dos muros institucionais, pois elas devem alcançar o máximo de subjetividades possíveis a fim de otimizar o processo de ensino aprendizagem e o crescimento humano enquanto sociedade. Para isso, a escola deve reunir-se em prol de abrir espaços de discussão sobre o plano e realizar o planejamento, adequar os conteúdos com vistas em maiores contribuições ao desenvolvimento do aluno.

Na instituição em que se vivenciou a experiência, constatou-se que há momentos reservados para que isso aconteça, e que todo o corpo docente e demais colaboradores envolvem-se no processo.

“A gente faz um encontro a cada bimestre, a gente faz um encontro pedagógico, onde a gente analisa resultados, onde a gente promove a socialização dos professores, da equipe pedagógica no geral. Analisa o resultado, analisa o trabalho na sala de aula. O currículo em si, o que que tá bom, o que não tá bom, o que precisa ser melhorado. Fora a parte do encontro pedagógico, os professores vêm pra cá, a gente senta, analisa como é que tá a situação dos alunos, vê a questão das atividades, se estão boas, se não estão, qual o aluno que tá com maiores dificuldades, a gente sempre tem esse encontro. Uma vez por semana, a gente senta com os professores, eu, elas. Às vezes eu tenho muitas ocupações, que eu sou coordenadora, só eu, aí eu vejo outras coisas, eu faço muito trabalho também de secretaria, faço trabalho de direção quando a diretora não tá, e assim mistura tudo, entendeu? Porque o papel do pedagogo e do coordenador ainda não tá muito bem definido não, a gente faz mil coisas né?” (PD)

“Estou aqui tá com 2 meses, não sei.” (PF)

A readequação curricular pode ser compreendida como estratégia didático-metodológica que contribui para que alunos diversos sejam compreendidos e suas subjetividades sejam respeitadas, de modo a facilitar a aprendizagem (LEITE et al., 2011).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as informações colhidas e análise dos dados, pode-se inferir que o currículo escolar ainda obedece a padrões engessados, e que professores e pedagogos possuem dificuldades em quebrar certas barreiras, a começar na elaboração do plano e autonomia quanto à adequação curricular.

Por mais que os professores sintam-se preparados para trabalhar o multiculturalismo na escola, muitos desafios são enfrentados quando estão diante de situações relacionadas ao contexto familiar, infraestrutura inadequada, falta de

insumos materiais e aspectos associados ao funcionamento e implementação de práticas emancipatórias.

Por meio deste relato de experiência foi possível refletir sobre a realidade profissional de professores e pedagogos, identificar desafios em dinamizar o currículo e o planejamento. Tais dificuldades associam-se, em parte, às diretrizes estabelecidas pela Secretaria Municipal de Educação de Teresina, que reduz a autonomia profissional delimita a expansão dos conteúdos. Portanto, a mudança curricular torna-se mais viável quando há uma mudança de postura por parte não só de professores e pedagogos, mas também dos gestores e técnicos.

REFERÊNCIAS

- BONAMINO, A; MARTINEZ, S. A. Diretrizes e parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental: a participação das instâncias políticas do Estado. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 80, p. 368-385, 2002.
- CILIATO, F. L. G; SARTORI, J. Pluralidade cultural: os desafios aos professores em frente da diversidade cultural. **Revista Monografias Ambientais**, v. 14, p. 65-78, 2015.
- CUNHA, E. C. S. Docência, currículo e processos culturais: tensionamentos conceituais da profissão docente. **Cadernos da Fucamp**, v. 16, n. 28, p. 8-19, 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 54ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- LEITE, L. P. et al. A adequação curricular como facilitadora da educação inclusiva. *Psicologia da Educação*, v. 32, n. 1, p. 89-111, 2011.
- LIMA, E. S. **Formação continuada de educadores/as**: as possibilidades de reorientação do currículo [Tese de Doutorado]. Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.
- MALTA, S. C. L. Uma abordagem sobre currículo e teorias afins visando a compreensão e mudança. **Espaço do Currículo**, v. 6, n. 2, p. 340-354, 2013.
- MONTEIRO, M. A. A; MONTEIRO, I. C. C; AZEVEDO, T. C. A. M. Visões de autonomia do professor e sua influência na prática pedagógica. **Ensaio**, v. 12, n. 3, p. 117-130, 2010.
- MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Indagações sobre currículo**: currículo, conhecimento e cultura. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, 2007.
- PACHECO, J. A. **O que se entende por currículo?** In: Escritos curriculares. 1ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.
- ROSA, L. C. M. Da educação: do jogo sociocultural e a inter-relação envolvendo modus vivendi e modus essendi. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 4, n. 2, p. 9-23, 2011.
- SILVA, P. B. G. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista**, v. 34, n. 69, p.123-150, 2018.
- TEIXEIRA, C. R; BEZERRA, R. D. B. Escola, currículo e cultura(s): a construção do processo educativo na perspectiva da multiculturalidade. **Dialogia**, v. 6, p. 55-63, 2007.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem Narrativa 73, 74, 75, 76, 79, 82

C

Cidadania 30, 32, 37, 40, 44, 47, 48, 52, 57, 61, 66, 69, 133, 140, 164, 193, 201, 202, 212, 220, 225

Corpolítica 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

Currículo Narrativo 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82

D

Democratização 35, 37, 39, 45, 47, 49, 115

Desigualdades 3, 30, 41, 54, 138, 151, 153, 154, 155, 158, 163, 179, 181, 185

Diálogo 3, 4, 20, 39, 84, 94, 101, 107, 108, 112, 114, 122, 145, 146, 148, 187, 193, 194, 195, 196, 205, 215, 225

Diretrizes Curriculares 16, 20, 21, 24, 61, 67, 86, 93, 95, 134, 155, 158, 161, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 200, 204, 212, 215, 218, 227

Discurso 1, 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 39, 40, 42, 45, 58, 63, 71, 105, 136, 145, 147, 177, 190, 191, 192, 199, 211

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 28, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 125, 127, 128, 130, 132, 133, 134, 138, 140, 146, 147, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Educação Comparada 37, 48

Educação Contextualizada 106, 107, 111, 113, 114, 115, 116, 117

Educação Física 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 133, 226

Educação Rural 106, 107, 108, 113, 115

Ensino Ativo 118, 120, 121, 125, 126

Ensino de Arte 187, 194, 196

Ensino Médio 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 107, 116, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 139, 140, 156, 160, 188, 189, 209, 210, 219, 229

Escola Quilombola 1, 7, 9

Estratégia 17, 22, 42, 43, 84, 92, 114, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 179, 205, 220

Extensão Universitária 26, 27, 29, 32, 33, 35, 84, 85, 86, 87, 88, 92, 93, 94, 95

F

Fisiologia 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126

Formação de professores 2, 4, 5, 9, 12, 61, 81, 84, 85, 86, 87, 91, 92, 93, 94, 95, 180, 181, 184, 186, 187, 192, 207, 211, 215, 223, 225

Formação humana 18, 19, 40, 63, 64, 68, 69, 71, 91, 133

G

Gênero & Sexualidade 26

H

Hegemonia 13, 14, 21, 22, 23, 47, 191, 208

I

Inclusão 7, 40, 54, 57, 58, 61, 69, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 111, 130, 139, 147, 151, 153, 155, 159, 163, 174, 176, 179, 180, 181, 184, 185, 204, 214, 215, 219, 225, 229

Integração 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 37, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 57, 58, 61, 118, 153

Integração regional 37, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

Internacionalização 52, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Interseccionalidade 26, 31

M

Mercosul 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

Multiculturalismo 9, 138, 143, 149, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 202, 205, 214

O

Organização pedagógica 106, 110, 111

P

Política curricular 13, 14, 15, 16, 17, 22

Políticas educacionais 37, 39, 40, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 85, 109, 111, 180, 219, 220

Prática pedagógica 1, 2, 4, 8, 10, 11, 17, 107, 112, 114, 115, 178, 182, 184, 186, 206, 215

Práticas curriculares 6, 54, 55, 77, 83, 106, 107, 109, 110, 131, 133, 139, 152, 153, 155, 158, 159, 161

R

Reflexividade 49

Relações étnico-raciais 130, 136, 138, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186,

204, 206, 207, 209, 212, 215

T

Tecnologia 18, 19, 20, 49, 56, 58, 91, 111, 112, 133, 166, 167, 229

U

Universidade 1, 2, 7, 13, 14, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 37, 47, 48, 63, 73, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 106, 120, 141, 142, 143, 149, 151, 165, 174, 175, 176, 185, 186, 197, 203, 206, 207, 215, 217, 218

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-660-7

